

Os Antepassados Vivem

Por Nathalia Azevedo de Paula

Vivemos numa nova era.

O silenciamento perpetuado sobre os que aqui viveram séculos atrás, hoje finalmente vem perdendo força para uma voz que ruga por seu espaço, antes mutilado.

Decerto a luta é árdua e por vezes parece assistir um retrocesso, porém, a arte é uma aliada dos que são alvos das constantes tentativas de apagamento e esquecimento.

Márcia Wayna Kambeba evoca muitos costumes de seu povo no poema intitulado *Ancestralidade*¹, datado de 2018:

Ancestralidade

Eu venho da grande floresta,
Do rio, minha festa, quero a vida cantar.

Nosso grito na cidade ecoou,
O canto dos povos estrondou,
Guerreiros aguerridos,
Vem vindo para se unir.

Na terra o sangue banhou,
Uma nova geração levantou,
Com garra e coragem,
Luta e canta sua nação.

Revive o que de fato é seu,
A cultura desses povos não morreu,
Na pele grande tela,
O grafismo é nossa voz.

Na pena um significado singular,

¹ Revista *Poesia Indígena Hoje*, p. 99, edição de número 1, agosto de 2020. Versão digital: <p-o-e-s-i-a.org>.



A liberdade que se tem
Como pássaro a voar.

A ancestralidade pede paz,
Ela é a força da identidade,
Na aldeia ou na cidade,
Nossa uka não se desfaz.

(Do livro *O lugar do saber*, Olma, 2018)

Kambeba rememora a ancestralidade indígena suscitando no leitor uma atmosfera imagética muito persuasiva: traz a mãe natureza, seu povo guerreiro, os corpos sob cores, deixando claro que um indígena não se faz somente na mata, mas em meio à poluição do cotidiano urbano também.

Esta presente reflexão não tem o intuito de associar ou comparar o poema de Kambeba com qualquer outra obra, entretanto, ao lê-lo, percebi que o sentimento identitário que a artista apresenta, também pode ser visto na pintura *Capoeira*², de Maria Auxiliadora da Silva, datada de 1970.



Maria Auxiliadora da SILVA. *Capoeira*, 1970.
Técnica mista sobre tela, 69,5 cm x 75 cm x 1,5 cm.
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil.

² A tela pertence ao acervo do MASP: <masp.org.br/acervo/obra/capoeira#!>.



Trazendo a identidade do povo afro-brasileiro, Auxiliadora também acentua a ancestralidade que lhe é sua. Já no título da obra, a artista nos remete ao imaginário dos jogos da capoeira, séculos atrás proibidos, numa tentativa agressiva de enclausuramento da cultura negra – além do termo ter sido utilizado para denotar a mata do interior do Brasil, utilizada para a agricultura dos povos indígenas, sendo também cenário de fuga dos negros escravizados. Todavia, a artista mostra a alegria de sua gente que, assim como os de origem indígena, tem respeito à terra, à mata, à natureza, permitindo que seus corpos manifestem o divino através da música e da dança.

No campo visual, ambas as obras enfatizam a cor, que parece ter vida por si própria. Márcia Kambeba cita “Na pele grande tela,/ O grafismo é nossa voz” e Maria Auxiliadora apresenta os corpos do quadro com vestes muito coloridas e contornadas semelhante à técnica do pontilhismo.

As duas obras trazem sons e movimentos, carregam histórias e mobilizam suas raízes culturais. Mesmo sendo de etnias distintas, mostram a busca por essa narrativa que se perpetua de geração para geração e que tem como objetivo fortalecer sua base cultural frente aos constantes ataques diários.

Uma intersecção entre obras. Um ponto de contato. Os antepassados vivem.

